

REGIONALISMO E IDENTIDADE NA LITERATURA TOCANTINENSE: A RESSIGNIFICAÇÃO DA MORTE EM O CANTO DA CARPIDEIRA, DE LUCELITA MARIA ALVES

REGIONALISM AND IDENTITY IN TOCANTINS LITERATURE: THE RE-SIGNIFICATION OF DEATH IN *THE MOURNING WOMAN'S SONG* BY LUCELITA MARIA ALVES

Paulo Vitor Vieira Rozal¹

Janaína Senem²

Rubens Martins da Silva³

Resumo: O presente trabalho analisa a configuração da literatura tocaninense, com foco na obra *O Canto da Carpideira* (2014), de Lucelita Maria Alves, e na representação da morte no cenário do sertão. Inicialmente, discute-se a fundamentação teórica dos estudos literários, abordando a literatura como um fenômeno de humanização e resistência. Em seguida, estabelece-se a distinção conceitual entre Literatura Tocantinense (LT) e Literatura Produzida no Tocantins (LPT), destacando o papel do regionalismo na construção da identidade cultural do estado após sua criação em 1988. A análise central debruça-se sobre a narrativa da autora, que revisita o ofício obsoleto das carpideiras e as tradições fúnebres do antigo norte goiano na década de 1950. Observa-se que a morte, na obra, transcende o evento biológico para tornar-se um fenômeno cultural ritualizado, mediado por figuras femininas que preservam saberes ancestrais. O estudo conclui que a literatura regional tocaninense atua como um mecanismo de legitimação da memória e da identidade, permitindo que dilemas locais alcancem uma dimensão universal por meio da sensibilidade poética e da análise crítica das vulnerabilidades sociais.

Palavras-chave: Literatura Tocantinense; Regionalismo; Ressignificação; Carpideira; Lucelita.

Abstract: This study analyzes the configuration of Tocantins literature, focusing on the work *O Canto da Carpideira* (2014) by Lucelita Maria Alves and the representation of death within the *sertão* (backlands) setting. Initially, it discusses the theoretical framework of literary studies, approaching literature as a phenomenon of humanization and resistance. Subsequently, it establishes the conceptual distinction between Tocantins Literature (LT) and Literature Produced in Tocantins (LPT), highlighting the role of regionalism in the construction of the state's cultural identity following its creation in 1988. The central analysis delves into the author's narrative, which revisits the obsolete trade of professional mourners (*carpideiras*) and the funerary traditions of the former northern Goiás in the 1950s. It is observed that death, in this work, transcends the biological event to become a ritualized cultural phenomenon, mediated by female figures who preserve ancestral knowledge. The study concludes that regional Tocantins literature acts as a mechanism for legitimizing memory and identity, allowing local dilemmas to achieve a universal dimension through poetic sensibility and a critical analysis of social vulnerabilities.

Keywords: Literature from Tocantins; Regionalism; Mourner; Re-signification; Lucelita.

¹ Graduando em Letras pela Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS), Araguatins, Tocantins, Brasil. Lattes: <https://lattes.cnpq.br/6929497460405458>. ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-5547-3031>. E-mail: paulovitor@unitins.br

² Mestre em Linguística pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professora efetiva da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2907374226996446>. ORCID: 0000-0002-1551-0172. E-mail: janaina.s@unitins.br

³ Doutor em Letras pela Universidade Federal do Tocantins (UFT). Mestre em Letras pela PUC Goiás. Professor efetivo da Universidade Estadual do Tocantins (Unitins). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9384336574949691>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2334-0115>. E-mail: rubens.ms@unitins.br

Introdução

A literatura, enquanto manifestação artística e social, desempenha um papel fundamental na construção da identidade de um povo e na preservação de sua memória coletiva. No contexto do estado do Tocantins, essa função assume contornos ainda mais relevantes, dada a relativa juventude da unidade federativa e a necessidade de afirmação de uma cultura própria, distinta da herança goiana. O presente artigo tem como tema central a literatura tocaninense, utilizando como referência uma obra desse contexto e investigando como essas produções regionais dialogam com tradições locais e temas universais, como a finitude humana.

O objetivo desta discussão é analisar a conceituação da literatura produzida no Tocantins e realizar uma incursão crítica na obra *O Canto da Carpideira*, de Lucelita Maria Alves. Para tanto, a estrutura textual organiza-se em três eixos principais: primeiramente, uma reflexão sobre a teoria literária contemporânea e a função social da literatura, em segundo lugar, a caracterização do campo literário tocaninense e a distinção entre as categorias de produção local, e, por fim, uma análise detalhada de como a morte é ressignificada através da figura da carpeideira no universo ficcional criado e desenvolvido através de uma referência realista.

A abordagem metodológica adotada neste estudo caracteriza-se por ser de natureza qualitativa, pautada na pesquisa bibliográfica e na análise documental e literária. Inicialmente, foi realizado um levantamento e exame crítico de obras e artigos científicos que fundamentam a teoria da literatura, o regionalismo e a conceituação da literatura tocaninense para a construção de um arcabouço teórico coerente. Posteriormente, a pesquisa se debruçou sobre a análise crítica da obra, utilizando-se de uma leitura interpretativa para desvelar as representações da morte, do regionalismo e do protagonismo feminino no contexto do sertão tocaninense. Este procedimento permitiu aprofundar a compreensão sobre como a literatura regional atua na legitimação da memória e da identidade cultural, em consonância com os princípios da análise de conteúdo em estudos literários.

A relevância deste estudo reside na capacidade de demonstrar que a literatura regional não se limita a uma mera descrição fantasiosa ou pitoresca do cenário, mas atua como enriquecimento cultural, preservação de memórias e também, como um direito de expressão e humanização de um povo. Ao resgatar ofícios esquecidos e rituais fúnebres do sertão, a obra analisada convida o leitor a refletir sobre a solidariedade feminina, a resistência cultural em ambientes de vulnerabilidade, a tragédia da morte e a ressignificação constante da vida após o luto, e para além disso, abre espaço para outras interpretações subjetivas, sociais e filosóficas. Assim, este artigo busca não apenas documentar uma produção específica, mas validar a literatura tocantinense como um campo singular e essencial para a compreensão da diversidade cultural da literatura.

Problematização teórica dos estudos literários

A problematização dos fundamentos teóricos dos estudos literários exige, inicialmente, uma reflexão sobre a natureza ontológica da literatura e sua inserção no tecido social. Ao longo do século XX, a Teoria da Literatura transitou de uma visão estritamente formalista para abordagens que privilegiam a recepção, a história e a sociologia do texto. Nesse contexto, a literatura deixa de ser vista apenas como um artefato linguístico isolado para ser compreendida como um fenômeno de humanização e resistência. Conforme Antonio Candido (1995), a literatura é um "direito inalienável" que contribui para a plena realização do ser humano, e, a partir dessa perspectiva, é possível conceber a valorização das manifestações regionais como parte integrante desse processo humanizador.

Terry Eagleton (1996) reforça essa compreensão ao argumentar que a literatura não possui uma "essência" inerente, mas é, antes, um conjunto de modos pelos quais as pessoas se relacionam com a escrita. Para ele, "não seria fácil isolar, de tudo o que tem sido, de forma diversa, chamado 'literatura', um conjunto constante de características inerentes. De fato, seria tão impossível quanto tentar identificar a única característica distintiva que todos os jogos têm em comum. Não há 'essência' de literatura alguma" (Eagleton, 1996, p. 10). Essa

visão desmistifica a ideia de uma literatura universalmente superior, abrindo espaço para o reconhecimento do valor das produções regionais, que, embora por vezes marginalizadas pela crítica literária tradicional, demonstram sua profundidade ao transmutar a experiência local em dilemas universais. Sendo assim, pode-se dizer que o valor de uma obra não depende de sua latitude geográfica, mas de sua capacidade de transmutar a experiência local em dilemas universais.

É nesse contexto que se compreende a relevância da literatura regional, é imperativo revisitar os fundamentos teóricos que sustentam os estudos literários contemporâneos. A literatura, enquanto fenômeno artístico e social, gera debates sobre sua definição e propósito. Um dos pontos cruciais dessa discussão é a função da literatura na sociedade. Antonio Candido (2004), em sua defesa do “direito à literatura”, argumenta que ela é um bem incompressível, essencial para a humanização do indivíduo. Segundo Candido (2004, p. 174), [...] “a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura”.

No entanto, a teoria literária também nos alerta para as relações de poder que definem o que é considerado, de fato, a literatura. O conceito de cânone literário frequentemente exclui produções que não se alinham aos padrões estéticos ou geográficos dos centros hegemônicos. É aqui que os estudos literários devem atuar como uma ferramenta de desconstrução. Como afirma Terry Eagleton (2006, p. 15): “a literatura, no sentido de um conjunto de obras de valor inalterável e absoluto, é uma ilusão” e o valor de uma obra é construído socialmente e deve ser constantemente reavaliado à luz de novas perspectivas.

Conceituação, caracterização e discussão da literatura tocanтинense

A literatura de uma região é um espelho de sua cultura, história e identidade. No contexto brasileiro, a literatura tocanтинense, embora relativamente jovem em sua formalização como campo de estudo, apresenta uma riqueza singular, intrinsecamente ligada à formação do Estado do Tocantins

em 1988. Nesse viés, a conceituação da literatura tocanrinense é um ponto crucial para a compreensão de sua especificidade. Silva e McCoy (2025) propõem uma distinção fundamental entre dois termos que, à primeira vista, poderiam parecer sinônimos: a Literatura Tocantinese (LT) e a Literatura Produzida no Tocantins (LPT). O primeiro deles se refere às obras cujos enredos incorporam e exploram traços culturais, a presença de povos originários, a geografia (rios, fauna, flora) e elementos históricos e geográficos intrínsecos ao Estado do Tocantins. A Literatura Tocantinese, portanto, "inscreve" a identidade regional na própria narrativa, utilizando o espaço e seus elementos como personagens ou catalisadores da trama, propondo-se a ser representativa do lugar e de seu povo (Silva; McCoy, 2025).

Em contrapartida, a LPT engloba as obras publicadas por escritores que residem no Tocantins, mas que não necessariamente abordam ou retratam aspectos característicos ou identitários do estado em seu conteúdo. Contudo, a obra também pode dialogar com a LT ao ser uma produção local (Silva; McCoy, 2025). Essa distinção é vital para a crítica literária, pois permite uma análise mais precisa do que constitui o corpus literário do Tocantins, evitando generalizações e valorizando as obras que efetivamente contribuem para a construção e o fortalecimento da identidade cultural do estado.

O regionalismo emerge como uma das características mais marcantes da literatura tocanrinense, funcionando como um pilar para a construção de sua identidade. A criação do estado do Tocantins em 1988 impulsionou um movimento de busca por uma identidade cultural própria, distinta da goiana, da qual o território se desmembrou. A literatura tornou-se um veículo poderoso para essa afirmação (Rodrigues; Rodrigues, 2021).

A formação do Tocantins como unidade federativa em 1988 não representa apenas um marco político e administrativo, mas a culminância de um longo processo de diferenciação sociocultural do antigo norte goiano. Este território, marcado por vastas extensões geográficas e uma colonização tardia em comparação com outras regiões do Brasil, desenvolveu particularidades que moldaram sua identidade. A economia baseada na pecuária extensiva e na agricultura de subsistência, aliada à distância dos centros de poder e à

precariedade de infraestrutura, fomentou um modo de vida resiliente e uma cultura de oralidade e saberes tradicionais. A literatura, nesse cenário, emerge não apenas como reflexo, mas como agente ativo na construção e preservação dessas memórias e identidades, muitas vezes marginalizadas pela historiografia oficial (PEREIRA, 2010). A compreensão dessas raízes históricas e sociais é fundamental para apreender a profundidade do regionalismo tocantinense, que transcende a mera descrição do ambiente para se firmar como expressão de uma perspectiva singular da identidade local.

Em muitos casos, a literatura tocantinense atua como uma "forma simbólica" que, segundo Ernst Cassirer (1923), confere sentido à existência do lugar e de seu povo. A construção da identidade tocantinense é frequentemente delineada em contraste com a identidade goiana, expressa na máxima "O tocantinense não é goiano" (Rodrigues; Rodrigues, 2021). Essa diferenciação é um reflexo dos movimentos autonomistas que ocorreram nas décadas de 1950 e 1960 no então "norte goiano", buscando a emancipação política e administrativa. A literatura regional, nesse contexto, resgata e celebra a memória desses movimentos, fundamentando a nova identidade estadual (Rodrigues; Rodrigues, 2021). A obra *Tipos de Rua* (1995), de Juarez Moreira Filho, é um exemplo paradigmático dessa vertente. Ao retratar a vida no antigo norte goiano e a realidade dos garimpos de cristal em Dueré, o autor não apenas documenta um período histórico, mas também contribui para a solidificação de uma narrativa que conecta o passado à formação do Tocantins contemporâneo (Rodrigues; Rodrigues, 2021).

A relação entre o homem e o ambiente é outro traço distintivo do regionalismo tocantinense. A paisagem, com seus rios (Tocantins, Araguaia), sua fauna e flora exuberantes, e a vida do homem do campo, são elementos recorrentes que não servem apenas como cenário, mas como parte integrante da narrativa (Silva; McCoy, 2025). A crítica que analisa a relação entre literatura e meio ambiente, oferece uma lente valiosa para interpretar a literatura tocantinense.

Autores como Buell (1995) e Tuan (1983) são mobilizados para discutir como a literatura regional não se limita a imitar a realidade, mas a "descobrir" e

"fazer aparecer" o mundo tocantinense em suas particularidades e desafios ambientais (Silva; McCoy, 2025). Um exemplo narrativo notável que será tratado nessa discussão, é a obra *O Canto da Carpideira* (2014), de Lucelita Maria Alves, que explora o cotidiano, as tradições populares e a cultura regional, com foco em personagens como doceiras, lavadeiras, parteiras, benzedeiras, raizeiras e as próprias carpideiras, revelando a riqueza do imaginário e dos saberes populares do interior do Tocantins (Alves, 2014).

A oralidade, em suas diversas manifestações, constitui um pilar fundamental da cultura e, conseqüentemente, da literatura regional tocantinense. Antes da consolidação da escrita e da difusão de obras impressas, a transmissão de conhecimentos, valores e histórias se dava primordialmente pela voz. Essa tradição oral não se perde com o advento da literatura escrita, mas se ressignifica, permeando as narrativas com ritmos, vocabulários e estruturas que ecoam a cadência da fala e a riqueza do imaginário popular. Na obra analisada nesse trabalho, a presença da oralidade é notória na descrição dos rituais fúnebres e na própria linguagem das personagens, que carregam consigo a sabedoria ancestral transmitida de geração em geração. A valorização dessa dimensão oral na análise literária permite uma compreensão mais profunda da autenticidade e da força expressiva da produção tocantinense.

A literatura tocantinense se encontra em um processo contínuo de legitimação e reconhecimento. A discussão sobre a "nomeação" (LT vs. LPT) reflete a busca por uma definição mais precisa de seu campo literário. A mobilização de teorias como a do Campo Literário de Pierre Bourdieu é pertinente para analisar os mecanismos de consagração e circulação dessas obras, bem como as relações de poder que se estabelecem nesse campo (Silva; McCoy, 2025). O regionalismo na literatura tocantinense não deve ser interpretado como um limitador, mas como uma força que confere autenticidade e profundidade às narrativas. Ele permite que a literatura do Tocantins dialogue com questões universais a partir de uma perspectiva local, enriquecendo o panorama literário brasileiro. A contínua pesquisa e valorização dessa produção são essenciais para consolidar sua posição e garantir que as vozes do Tocantins sejam ouvidas e reconhecidas.

Por fim, a literatura tocantinense é um campo vibrante e em constante evolução, caracterizado por uma forte conexão com a identidade regional e a paisagem do estado. A distinção entre Literatura Tocantinense (LT) e Literatura Produzida no Tocantins (LPT) oferece um arcabouço teórico para compreender suas nuances. O regionalismo, longe de ser uma mera descrição de cenário, é um elemento ativo na construção de significados, refletindo a história, os movimentos autonomistas e a relação intrínseca do homem com a terra. Nesse viés, o estudo detalhado e a valorização dessa literatura tornam-se fundamentais para a preservação da memória regional, a afirmação da identidade cultural e o enriquecimento do patrimônio literário.

Análise crítica: O Canto da Carpideira, de Lucelita Maria Alves

O livro *O Canto da Carpideira*, de Lucelita Maria Alves, é uma obra que pode ser compreendida singularmente dentro da literatura tocantinense, ao revisitar e ressignificar a figura da carpeideira, um ofício obsoleto, construído em um ambiente formado, predominantemente, por personagens acostumados com a simplicidade e a invisibilidade, algo que reflete a realidade da época em que a história se passa.

A história foi publicada em 2014 e transporta o leitor para o sertão tocantinense em meados do século XX, mais precisamente por volta de 1950, um período de profundas transformações sociais e culturais do que seria na época, o norte goiano, mas onde as tradições ainda ditavam o ritmo da vida. A narrativa é um mergulho nas vidas de mulheres como Dora, a menina órfã que testemunha a morte tripla em sua infância, Leonilda, a raizeira e parteira que detém os saberes da cura e do nascimento e Cota, a carpeideira, cuja voz e corpo são instrumentos de um ritual fúnebre que transcende o mero lamento (Cruz, 2021).

A estrutura narrativa do livro é um dos seus pontos mais notáveis. Longe de uma linearidade convencional, Lita Maria adota uma abordagem fragmentada através de múltiplos focos narrativos, que se assemelha a um “quebra-cabeça” de memórias e vivências, como perspicazmente observado por Roseli Bodnar

no prefácio da obra (Bodnar, 2014). O narrador onisciente transita entre as perspectivas das personagens, revelando não apenas suas ações, mas também seus pensamentos, sentimentos e as complexas teias de suas relações. Essa técnica permite ao leitor construir uma compreensão real do universo ficcional, onde o tempo não é meramente cronológico, mas um eterno retorno, onde a morte e o renascimento se sucedem em um ciclo contínuo. A repetição de dores e perdas, contudo, não leva ao desespero, mas à ressignificação através do afeto e da perpetuação dos ofícios femininos.

Nesse contexto, o processo de fragmentação narrativa empregado pela autora do livro não consiste em apenas uma escolha estilística, mas também como um recurso para representar a própria composição da memória e da experiência no sertão tocantinense. A desconstrução da linearidade temporal e a apresentação dos eventos através de múltiplos focos, conduz um convite ao leitor para experienciar uma imersão mais profunda na visão das personagens. Por meio da narração e da mimetização, o leitor se desloca através dos cenários, eventos e temas de grande complexidade das relações humanas e sofrimentos subjetivos das personagens da história.

Na obra, a morte é muito mais do que um evento biológico, ela é um fenômeno cultural profundamente enraizado na visão sertaneja, carregado de simbolismo e ritualística. A figura da carpideira, personificada em Cota, emerge como uma mediadora entre o mundo dos vivos e o dos mortos, uma guardiã de um rito que confere dignidade à partida e consolo aos que ficam. As “incelências” ou “benditos”, cantos fúnebres de origem ibérica que se adaptaram e se enraizaram no sertão brasileiro, são descritos com uma riqueza de detalhes que beira um estudo de etnografia. O texto não se limita a transcrever as palavras, mas evoca a performance completa: o balanço do corpo, o fechamento dos olhos, a necessidade visceral de “sentir o pranto” para que a oração alcance sua plena eficácia e cumpra seu papel de “limpar o caminho do morto” (Alves, 2014, p. 150).

Alves utiliza a morte como um elemento estruturante que orchestra o ritmo da narrativa. O prefácio da obra já aponta que a morte é o fio condutor que liga os capítulos, criando um tom singular que permeia todo o livro. Não obstante,

esse tom triste, quase paradoxalmente, é o que confere a beleza do texto. Ao descrever o “velório de um anjinho”, um bebê natimorto, a narrativa destaca a pureza e a resignação, transformando a tragédia em um momento de comunhão comunitária e de aceitação do inevitável. Essa abordagem reflete a visão de mundo sertaneja, na qual a vida e a morte coexistem em uma dança constante, sem a negação ou o tabu que muitas vezes caracterizam as sociedades urbanas contemporâneas. A morte, no sertão de Alves, é parte integrante da vida, um rito de passagem que exige respeito e celebração à sua própria maneira.

A partir disso, analisaremos a finitude, enquanto fenômeno biológico universal e como este é modulado por especificidades culturais que redefinem sua percepção social. No ecossistema cultural do sertão tocantinense, a morte é experienciada através de uma convivência diária entre o ordinário e o numinoso, na qual o encerramento da existência orgânica não implica na dissolução dos vínculos comunitários, mas em sua transmutação em prática ritualística. Na obra, isso emerge em uma dinâmica literal, apresentando o sertão como um espaço onde a vida e a morte dialogam recorrentemente, conforme evidenciado:

A sua mãe estava parindo. A sua avó fazia o parto. A pequena Dora escutava. As galinhas empoleiravam. O dia findava. Silêncio. A noite caiu densa. [...] E um dos corações que compunha o par, antes confrangido, cabia agora perfeitamente no quartinho triste, e parecia querer ali fincar raízes, sucumbido à visita inconveniente que o cheiro da morte trazia àquela casinha pobre (Alves 2014, p. 20-21).

Na construção narrativa, a morte é delineada como uma presença imanente e intrínseca ao tecido social. Desde as primeiras páginas, a narrativa estabelece que “Nada era rotina. Tudo era igual” (Alves, 2014, p. 19), sugerindo uma circularidade onde eventos trágicos, como o nascimento de natimortos e a morte materna, são integrados à paisagem sonora e visual do cotidiano. A morte não é um evento isolado, mas uma “visita inconveniente que o cheiro da morte trazia àquela casinha pobre” (Alves, 2014, p. 21). Esta familiaridade com a perda engendra uma naturalização do óbito que, concomitantemente, demanda uma sistematização rigorosa para seu funcionamento ritualístico. Nesse cenário, o ofício da carpideira, uma figura que profissionaliza o luto e transforma a dor

privada em uma performance pública e sagrada. Como aponta o prefácio da obra, a morte "orquestra a leitura do romance num tom elegíaco de dor", unindo "reminiscências e vivências com um olhar carregado de sensibilidade e poesia" (Bodnar, 2014, p. 10).

A figura da carpideira, no cenário tocantinense, transcende a mera função de pranteadora profissional, pois ela se constitui como custódia de tradições orais e agente de mediação. O livro descreve o trabalho como algo que exige um empirismo profissional e uma "tradição tida e mantida por família de carpideiras" (Alves, 2014, p. 40). A resignificação da morte ocorre precisamente no ato de cantar as incências, sendo estes os cantos fúnebres que visam "limpar o caminho do morto" e "engolir todo e qualquer pecado que restasse daquela existência frágil", sendo essas metáforas apresentadas no seguinte trecho:

A carpideira limpava o caminho do morto. Engolia, com a cantoria herdada de suas antepassadas, e as incências que saíam de sua goela todo e qualquer pecado que restasse daquela existência frágil, de gente sofrida e simples do sertão (Alves, 2014, p. 150).

Essa prática revela uma dimensão artística e social da morte. A lamentação vendida não é falsa, mas uma técnica de empatia profunda, onde a carpideira deve "sentir a dor dentro de si" para que as incências sejam perfeitas (Alves, 2014, p. 242). Aqui, a morte é resignificada como beleza e purificação, permitindo que a comunidade lide com a precariedade da vida através da solenidade do rito.

Através das linhas escritas por Lita Maria, é possível observar que o sertão tocantinense é um espaço de protagonismo feminino silencioso, mas poderoso. As mulheres, e seus ofícios de parteiras, raizeiras e carpideiras, são ligadas diretamente aos ciclos da vida. A morte é gerida por mãos femininas que preparam o corpo e a alma para a partida. A transmissão desses saberes ocorre pela observação e pelo afeto, como exemplificado na cena em que a pequena Dora aprende as ladainhas: "Dora ensinava o refrão de uma ladainha triste para a pequenina Ana [...] a pequena Ana levava jeito" (Alves, 2014, p. 241-242). Essa

didática visual, focada na observação empírica, assegura que a morte continue sendo ressignificada pelas gerações futuras.

A solidariedade entre essas mulheres, como visto na relação entre a raizeira Leonilda e a carpideira Cota, sustenta uma poderosa rede de apoio mútuo estabelecida entre as mulheres. No universo ficcional construído pela autora, os homens são frequentemente figuras secundárias, muitas vezes ausentes, violentas ou efêmeras, como o pai de Leonilda ou os irmãos que desapareceram. O verdadeiro suporte da estrutura social retratada é feminino. A relação entre a raizeira Leonilda e a pequena Dora, por exemplo, exemplifica a maternidade tardia e a transmissão de saberes que transcendem os laços sanguíneos, construindo uma família baseada no afeto e na necessidade mútua (Lima, 2019). Essa solidariedade manifesta-se no cotidiano de diversas formas: na troca de remédios caseiros e conhecimentos sobre ervas, no auxílio fundamental durante os partos, na partilha do pouco alimento disponível e no amparo emocional em momentos de luto.

Desse modo, a obra permite pressupor que a morte não é o oposto da vida, mas sua extensão ritualística, desse modo, imortalizando essa "gente sofrida e simples" que, diante da fatalidade, encontra no canto e na solidariedade feminina a força para continuar palmilhando as estradas no sertão tocantinense. Essa ocorrência torna-se ainda mais evidente ao considerar o comportamento das personagens que, mesmo após desabarem diante do fim do ciclo vital dos entes queridos, buscam ressignificar suas próprias vidas.

Por conseguinte, a obra oferece um vasto e rico material para ser explorado em sala de aula, especialmente no que tange ao regionalismo, à literatura contemporânea e à cultura popular brasileira. A autora imprime em sua escrita a vivência e as particularidades do interior tocantinense, tornando o romance um espelho das tradições e dos costumes locais. Os professores podem abordar a ambientação rural, as gírias e expressões idiomáticas, os costumes e a religiosidade popular, elementos que constroem a identidade cultural das regiões de Goiás e Tocantins. A imersão em obras regionais permite aos alunos compreenderem a diversidade cultural do país e a importância da

literatura como registro e valorização das manifestações e memórias de um povo.

No que tange à literatura, *O Canto da Carpideira* é um exemplar do romance regionalista contemporâneo, que reinventa a narrativa do sertão, unindo a arte erudita à popular. A discussão sobre o foco narrativo em terceira pessoa e a construção dos personagens e seus ofícios singulares, pode enriquecer a análise literária, explorando a simbologia da morte e dos ritos de passagem. Além dos temas tratados diretamente nesse trabalho, a obra também oferece um terreno fértil para análises e discussões em outros aspectos, como, por exemplo, a representatividade feminina, destacando o protagonismo e a resistência das personagens em suas trajetórias, um tema de grande relevância social e cultural.

E por último, o livro também pode ser objeto de estudo para análises críticas, políticas e sociais, devido aos elementos apresentados na narrativa: a miséria e a invisibilidade das pessoas no sertão ou a banalização da morte decorrente da situação de vulnerabilidade em que essas pessoas se encontram. A obra de Lucelita Maria Alves, portanto, não apenas enriquece o repertório literário dos estudantes, mas também os conecta com aspectos profundos da identidade brasileira e com a capacidade da literatura de refletir e questionar a realidade.

Considerações finais

As discussões empreendidas neste artigo permitiram sintetizar a complexidade e a riqueza da literatura tocantinense, evidenciando-a como um campo em constante processo de legitimação. Através da análise teórica, foi possível distinguir a Literatura Tocantinense (LT) da Literatura Produzida no Tocantins (LPT), reforçando que a identidade regional é construída pela inscrição deliberada de traços culturais e geográficos na narrativa. O regionalismo, portanto, não surge como um limitador estético, mas como a base sobre a qual se erguem discussões universais sobre a vida, a resistência e a cultura de um povo.

A relevância dos assuntos extraídos dos debates sobre a literatura local pode ser percebida na obra de Lucelita Maria Alves. *O Canto da Carpideira* revela-se um documento estético e cultural ao imortalizar o cotidiano do sertão e a ritualística da morte. A figura da carpeideira e o uso das "incelências" demonstram como a dor pode ser transmutada em arte e como as redes de apoio feminino sustentam comunidades marcadas pela invisibilidade social. Essas temáticas são cruciais para compreender a formação social do Tocantins e a permanência de tradições que, embora obsoletas na prática profissional, permanecem vivas no imaginário coletivo.

Além disso, a necessidade de inclusão de obras regionais como *O Canto da Carpideira* no ambiente acadêmico e escolar é urgente e aconselhável. No ensino de literatura no Brasil ainda prevalece a centralização excessiva, que frequentemente ignora as potências criativas e as vozes autênticas das regiões periféricas e prioriza o estudo de obras de maior reconhecimento na crítica literária. Ao estudar autores regionais, os estudantes têm a oportunidade de se reconhecerem em suas próprias raízes culturais, fortalecendo sua identidade e desenvolvendo um olhar crítico e mais abrangente sobre a vasta e complexa diversidade cultural brasileira. Além disso, a academia, ao validar e pesquisar essas produções, cumpre seu papel social de guardião da memória e promotora do conhecimento, garantindo que essas obras, que de outra forma poderiam se perder no tempo, sejam perpetuadas e debatidas (Silva, 2023).

Por meio dessa análise da literatura tocaninense, exemplificada pela obra da autora Lita Maria, é possível reiterar a urgência de uma descentralização do cânone literário brasileiro. Ao valorizar e integrar produções que emergem de contextos regionais, a academia e as instituições de ensino contribuem para a construção de uma compreensão mais plural e democrática da cultura nacional. O legado dessas narrativas não se restringe à documentação de costumes ou à afirmação de identidades locais, pois a ele convém a capacidade de oferecer novas perspectivas sobre temas universais, enriquecendo o repertório de sensibilidades e promovendo um diálogo mais equitativo entre as diversas vozes que compõem o panorama literário do país. Assim, a contínua pesquisa e difusão da literatura regional não apenas valorizam a memória e a identidade de um

povo, mas também impulsionam a renovação crítica e a expansão dos horizontes da própria literatura brasileira.

Por fim, este documento valida-se como um artigo científico ao mobilizar embasamento teórico e aplicar uma metodologia de análise crítica sobre um corpus literário definido. A articulação entre a teoria literária e a análise da obra contemporânea contribui para o fortalecimento do campo acadêmico no estado do Tocantins, oferecendo subsídios para futuras pesquisas e para o uso pedagógico da literatura regional como ferramenta de conscientização cultural e social.

Referências

ALVES, Lucelita Maria. **O Canto da Carpideira**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins / Coleção Tocantinense de Literatura / EDUFT, 2014. 264 p. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/1394>. Acesso em: 22 fev. 2026.

BODNAR, Roseli. **Prefácio**. In: ALVES, Lucelita Maria. **O Canto da Carpideira**. Palmas: EDUFT, 2014. p. 9-15. Disponível em: <https://repositorio.uft.edu.br/bitstream/11612/1394/1/O%20Canto%20da%20carpideira.pdf>. Acesso em: 22 fev. 2026.

CANDIDO, Antonio. **O direito à literatura**. In: CANDIDO, Antonio. Vários escritos. 4. ed. São Paulo: Duas Cidades; Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. Disponível em: <https://culturaemarxismo.wordpress.com/wp-content/uploads/2011/10/candido-antonio-o-direito-c3a0-literatura-in-vc3a1rios-escritos.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2026.

CRUZ, Aline Souza da. **A representação feminina em O Canto da Carpideira**. Humanidades & Inovação, Palmas, v. 8, n. 45, p. 345-358, 2021. Disponível em: <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/6150>. Acesso em: 22 fev. 2026.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução**. São Paulo: Martins Fontes, 1996. Disponível em: <https://interartesufgd.wordpress.com/wp-content/uploads/2016/05/eagleton-teoria-da-literatura.pdf>. Acesso em: 22 mar. 2026.

LIMA, Niccolly Evannys Zifirino. **O Canto da Carpideira: uma análise do romance de Lucelita Maria Alves sob a ótica da memória e da identidade**. 2019. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Tocantins,

Porto Nacional, 2019. Disponível em:
<https://repositorio.uft.edu.br/handle/11612/2481>. Acesso em: 23 fev. 2026.

MCCOY, Clarissa de Sousa Oliveira; SENEM, Janaína; SILVA, Rubens Martins da (Org.). **Literatura Tocantinense em foco: ensaios e reflexões**. Palmas, TO: Unitins, 2023. 79 p. ISBN978-65-86285-74-1. Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/editoraunitins/article/view/8310>. Acesso em: 15 mar. 2026.

MORENO, Cláudio. **A tradição do regionalismo na literatura brasileira: de pitoresco à realização inventiva**. Revista Letras, Curitiba, n. 74, p. 119-132, jan./abr. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/10955>. Acesso em: 26 fev. 2026.

RODRIGUES, J. C.; RODRIGUES, B. H. R. **Espaço e literatura: a problemática da identidade regional tocantinense na literatura de Juarez Moreira Filho**. Fronteiras: Revista de História, Dourados, v. 23, n. 41, p. 164-177, jan./jun. 2021. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/5882/588268202008/html/>. Acesso em: 15 mar. 2026.

SILVA, Rubens Martins da; MCCOY, Clarissa de Sousa Oliveira. **Caracterização e análise da literatura tocantinense**. Revista Humanidades e Inovação, Palmas, v. 12, n. 5, p. 25-38, 2025. Disponível em:
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/9882/6483>. Acesso em: 22 mar. 2026.

SILVA, Rubens Martins da. **Literatura tocantinense: por que e para quê?** Cleber Toledo, 2023. Disponível em:
<https://clebertoledo.com.br/opiniao/rubens-martins-da-silva-literatura-tocantinense-por-que-e-para-que/>. Acesso em: 10 fev. 2026.

TOCANTINS. Secretaria da Educação. **Mosaico da literatura tocantinense**. YouTube, 9 nov. 2021. Disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=bf6hrEfyQSc>. Acesso em: 13 jan. 2026.

Recebido em 30 de março de 2026.
Aceito em 4 de abril de 2026.